

1. Trinta anos depois

EM SEGUIDA À PUBLICAÇÃO da terceira parte de minha *História da psicanálise*,¹ em 1993, inteiramente dedicada ao pensamento, à vida, à obra e à atuação de Jacques Lacan, tive muitas vezes a sensação de que um dia seria preciso efetuar um balanço, não apenas da herança desse mestre paradoxal, mas também da maneira pela qual meu trabalho foi comentado dentro e fora da comunidade psicanalítica.

Eu imaginara, decerto erradamente, que um trabalho sereno, com base numa abordagem crítica, seria capaz de aplacar as paixões. E que talvez a célebre frase de Marc Bloch – “Robespieristas, antirrobepieristas, nós vos imploramos: por piedade, dizei-nos simplesmente quem foi Robespierre”² – que eu colocara como epígrafe de meu

¹ Elisabeth Roudinesco, *História da psicanálise na França*, Rio de Janeiro, Zahar, vol.1, 1989, [1982, 1986, 1994]; vol.2, 1988, [1986, 1994]; Jacques Lacan, *esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*, São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

² Marc Bloch, *Apologie pour l'histoire, ou Métier d'historien*, Paris, Armand Colin, 1993, [1949], p.157 [ed. bras.: *Apologia da história ou O ofício de historiador*, Rio de Janeiro, Zahar, 2002, p.126].

livro permitiria, finalmente, que fossem sopesados, longe das paixões, tanto o destino do homem como o desenvolvimento de seu pensamento.

Ainda que o resultado tenha sido em grande parte positivo, é evidente que o homem e sua obra continuam a ser objeto das interpretações mais extravagantes, quando as gerações tendem a esquecer o que aconteceu antes delas, dispostas a celebrar a anterioridade patrimonial e genealógica de uma pretensa “idade do ouro”, em lugar de uma reflexão sobre o passado suscetível de esclarecer o futuro.

A isso acrescentam-se os delírios que periodicamente vêm à tona e que emanam de panfletários pouco escrupulosos ou terapeutas em busca de notoriedade: Freud nazista, antisemita, incestuoso, criminoso, bandido. Lacan perverso, predador, maoista, estuprador, líder de seita, bandido, espancando mulheres, pacientes, criados, filhos, colecionador de armas de fogo. Tudo foi dito a esse respeito e o boato segue seu caminho, de exagero em exagero.

Nossa época é individualista e pragmática. Goza com o instante presente, a avaliação, o determinismo econômico, as estatísticas, o imediato, o relativismo, a segurança. Cultiva o repúdio ao engajamento e às elites, o desprezo pelo pensamento, a transparência, o gozo do mal e do sexo perverso, a exibição do afeto e das emoções contra um fundo de explicação do homem por seus neurônios ou genes. Como se uma causalidade única permitisse dar conta da condição humana. A escalada do populismo na Europa e a sedução que ele exerce em determinados intelectuais

que pregam abertamente o racismo, a xenofobia e o nacionalismo não são alheias, sem dúvida, a tal situação.

Cumpre dizer que o advento de um capitalismo selvagem contribuiu para a extensão planetária da desesperança e da miséria, associada à reativação do fanatismo religioso, que, para alguns, desempenha papel de referência política e experiência identitária. Na França, 8 milhões de pessoas sofrem de distúrbios psíquicos, tratando-se como podem: medicamentos, terapias diversas, medicinas alternativas, desenvolvimento pessoal, magnetismo etc. Em toda parte, no mundo democrático, procedimentos de automedicina desenvolvem-se ao infinito, distantes da ciência e, o mais das vezes, da razão. Nesse mundo, a busca do prazer – e não da felicidade coletiva – substituiu a aspiração à verdade. Portanto, a psicanálise, comprometida com a busca da verdade de si, entra agora em contradição com essa dupla tendência: ao hedonismo, de um lado; ao retraimento identitário, de outro.

Porém, ao mesmo tempo, nossa época também produz a contestação do que ela encena: é quando o perigo é maior, dizia Hölderlin, que a salvação está mais próxima³ – como, aliás, a esperança. Prova disso: após três décadas de críticas ridículas contra a própria ideia de revolta, eis que emerge, fora da Europa, que a vira nascer, um novo desejo de Revolução.

³ “*Mais aux lieux du péril croît/ Aussi ce qui sauve*” [“Mas nos lugares perigosos medra/ Igualmente o que salva”], Friedrich Hölderlin, “*Patmos*”, in *Euvre*, trad. Gustave Roud, Paris, Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1967, p.867.

NO QUE SE REFERE à história da psicanálise e à sua historiografia, é como se, *a posteriori* e em tal contexto, e a despeito do estabelecimento rigoroso dos fatos e da exploração de diversas verdades de múltiplas facetas, Lacan – depois de Freud, aliás, e todos os seus sucessores – continuasse a ser visto ora como demônio, ora como ídolo. Daí um maniqueísmo e uma negação da história. E os psicanalistas não ficam atrás: jargão, postura melancólica, fechamento às questões sociais, nostalgia. Eles preferem a memória à história, a verborragia ao estabelecimento dos fatos, o amor dos tempos antigos ao do presente. Esquecem facilmente que “amanhã é outro dia”. A ponto de ser possível nos perguntarmos se, às vezes, não se comportam como inimigos de sua disciplina e herança.

Foi ao fazer tal constatação, sem deixar de observar as primícias de uma nova esperança, que me deu vontade, trinta anos após a morte de Lacan – quando se esboça o progressivo eclipse de certa era (dita “heroica”) da psicanálise, e os psicanalistas transformam-se em psicoterapeutas organizados numa profissão regulamentada pelo Estado –, de falar mais, e de maneira mais pessoal desta vez, do destino do último grande pensador de uma aventura intelectual que começou a se desdobrar no final do século XIX, à época do lento declínio do império austro-húngaro e de todas as instituições a ele vinculadas: a família patriarcal, a soberania monárquica, o culto à tradição e a recusa do futuro.

Quis evocar, pensando no leitor de hoje, alguns episódios marcantes de uma vida e de uma obra à qual toda uma geração está misturada, e comentá-las, retrospectivamente,

de maneira livre e subjetiva. Eu gostaria que este livro fosse lido como o enunciado de uma parte secreta da vida e da obra de Lacan, uma andança por trilhas desconhecidas: um avesso ou uma face oculta que vem esclarecer o arquivo, como num quadro criptografado no qual as figuras da sombra, outrora dissimuladas, passam à luz. Quis evocar fragmentos de um *outro* Lacan, confrontado com seus excessos, com sua “paixão pelo real”,⁴ com seus objetos: em uma palavra, com seu real, com o que foi foracluído de seu universo simbólico. Um Lacan das margens, da borda, do literal, arrebatado por sua mania de neologismo.

Esse Lacan soube anunciar o tempo que veio a ser o nosso, prever a ascensão do racismo e do comunitarismo, a paixão pela ignorância e o ódio ao pensamento, a perda dos privilégios da masculinidade e os excessos de uma feminilidade selvagem, o advento de uma sociedade depressiva, os impasses do Iluminismo e da Revolução, a luta mortal entre a ciência erigida em religião, a religião erigida em discurso da ciência e o homem reduzido a ser biológico: “Em muito breve, seremos atropelados”, ele dizia em 1971, “por problemas segregativos que serão tachados de racismo e que consistem no controle do que se passa no nível da reprodução da vida, em criaturas que acabam, em virtude do que falam, por ter todos os tipos de problemas de consciência ...”⁵

⁴ Nas palavras de Alain Badiou, *Le siècle*, Paris, Seuil, 2005, p.54 [ed. bras.: *O século*, Aparecida (SP), Ideias & Letras, 2007].

⁵ Jacques Lacan, *Le Séminaire*, livre XIX, *...ou pire* (1971-1972), Paris, Seuil, 2011 [ed. bras.: em produção].

Voltar a falar de Lacan trinta anos após sua morte é também recordar uma aventura intelectual que ocupou um lugar proeminente em nossa modernidade, e cuja herança permanece fecunda, digam o que disserem: liberdade de expressão e de costumes, desabrochar de todas as emancipações – as mulheres, as minorias, os homossexuais –, esperança de transformar a vida, a família, a loucura, a escola, o desejo, recusa da norma, prazer da transgressão.

Despertando inveja nos intelectuais, que não param de insultá-lo, Lacan situa-se, não obstante, na contracorrente dessas esperanças, qual um libertino lúcido e desencantado. Decerto estava convencido de que a busca da verdade era a única maneira de conseguir substituir a salvação pelo progresso, o obscurantismo pelo Iluminismo. Com a condição, todavia, dizia ele, de saber que a racionalidade pode sempre virar do avesso e suscitar a própria destruição. Daí sua defesa dos ritos, tradições e estruturas simbólicas. Os que hoje o rechaçam, transformando-o no que ele nunca foi e pespegando-lhe o rótulo infame de “guru” ou “falastrão da democracia”, se esquecem de que ele mergulhou de cabeça, às vezes contra si mesmo, nessas transformações. A ponto de esposar seus paradoxos mediante jogos de linguagem e de palavras que hoje nos divertimos em reproduzir. O século XX era freudiano, o século XXI é, desde já, lacaniano.

LACAN NÃO PAROU de nos surpreender.

Nascido no início do século XX, e tendo vivido duas guerras ferozes, começou a ser celebrado a partir dos anos

1930. Mas foi entre 1950 e 1975 que exerceu seu mais pujante magistério sobre o pensamento francês, numa época em que a França, dominada por um ideal social e político herdado dos dois movimentos oriundos da Resistência – o gaullismo e o comunismo –, depois pela descolonização, e finalmente pela cesura de Maio de 68, via-se como a nação mais culta do mundo. Uma nação em que os intelectuais ocupavam um lugar preponderante no seio de um estado de direito marcado pelo culto de uma República universalista e igualitária.

Nesse contexto, todas as aspirações fundadas na razão e no progresso eram abraçadas, com ênfase no projeto de melhorar coletivamente a sorte de todos os acometidos por distúrbios psíquicos: neuróticos, psicóticos, depressivos e delinquentes. E foi precisamente por essa época que Lacan obstinou-se em afirmar que o avanço freudiano era o único horizonte possível das sociedades democráticas, o único capaz de apreender todas as facetas da complexidade humana: o pior e o melhor. Nem por isso se tornou, a despeito de sua forte propensão ao pessimismo e à ironia, um reacionário medíocre.

Foi também o único pensador da psicanálise a abordar de maneira freudiana a herança de Auschwitz, mobilizando, para descrever seu horror, tanto a tragédia grega quanto os escritos do marquês de Sade. Dos herdeiros de Freud, ninguém soube como ele reinterpretar a questão da pulsão de morte à luz do extermínio dos judeus pelos nazistas. Sem essa correção de curso e sem esse fascínio que Lacan sentiu pela parte mais cruel e mais escura da

humanidade, a psicanálise teria se tornado, na França, um assunto banal de psicologia médica, herdeira de Pierre Janet, Théodule Ribot ou, pior ainda, de Léon Daudet, Gustave Le Bon ou Pierre Debray-Ritzen.